



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CIÊNCIAS DA NATUREZA



FERNANDA RIBAS ABREU

**MEMÓRIAS POLÍTICAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:**  
NARRATIVAS SOBRE O SER E O FAZER DOCENTE  
(Memorial Descritivo e Produção de Vídeo)

Porto Alegre  
2020



FERNANDA RIBAS ABREU

**MEMÓRIAS POLÍTICAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:**  
NARRATIVAS SOBRE O SER E O FAZER DOCENTE  
(Memorial Descritivo e Produção de Vídeo)

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Reis Calvo Hernandez

Porto Alegre  
2020

FERNANDA RIBAS ABREU

**MEMÓRIAS POLÍTICAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:**

NARRATIVAS SOBRE O SER E O FAZER DOCENTE

(Memorial Descritivo e Produção de Vídeo)

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, obtendo conceito:

Porto Alegre, 30 de novembro de 2020.

---

Prof. Dr. Antonio Marcos Teixeira Dalmolin  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Aline Reis Calvo Hernandez  
Orientadora  
UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Patrícia Binkowski  
UERGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Valéria Viana Labrea  
UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rumi Kubo  
UFRGS

Este trabalho é dedicado a uma mulher que se tornou ainda mais forte, que sempre entendeu que a sua cor é símbolo de luta e resistência. Enfrentou o racismo estrutural e institucional, decidiu por não se encaixar em padrões impostos, decidiu em ocupar o lugar que era seu por direito. Essa mulher sou eu.

Vidas Negras Importam!

## **AGRADECIMENTOS**

É chegado o fim de um ciclo de muitas risadas, choros, felicidade e frustrações. Sendo assim, dedico este trabalho a todos que fizeram parte desta etapa da minha vida.

Agradeço aos meus orixás por terem me guiado neste caminho.

Aos meus pais e minhas irmãs por terem acompanhado meu processo de graduação. Também agradeço à Família Alonso por todo apoio na realização deste sonho.

Agradeço à Ana Rafaela Alonso, por ter compartilhado dos seus saberes comigo ao longo desta graduação contribuindo com minhas escrivinhaças.

Gostaria profundamente de agradecer à minha professora orientadora Aline Reis Calvo Hernandez por ter aceitado me orientar em um período em que eu já não tinha mais expectativas. Com ela o meu projeto de pesquisa tomou vida e beleza.

Se um dia as mulheres enfurecessem  
Em fúria não permitiriam que a televisão pautasse sua beleza.  
Em fúria faliriam todas as clínicas de estéticas.  
Jamais transariam sem vontade.  
Se um dia as mulheres se enfurecessem  
Não aceitariam que o Estado regesse seu corpo.  
Em fúria decidiriam se queriam ou não, ter filhos.  
Em fúria não usariam roupas desconfortáveis  
em nome da aparência.  
Em fúria usariam apenas a que lhes dessem vontade.  
Em fúria não permitiriam que a outra apanhasse.  
Em fúria revidariam os tapas na cara, os chutes e os ponta pés.  
Em fúria não seria escrava em sua própria casa.  
Se um dia as mulheres se enfurecessem,  
calariam a boca dos padres e dos pastores  
que pregam o dever da submissão.  
Em fúria denunciariam todos os abusos cometidos nas igrejas, no trabalho, nas  
delegacias, nos hospitais e aqueles cometidos dentro das suas casas.  
Em fúria, ensinariam as filhas a se defenderem  
e os filhos a não estuprarem.  
Ah! Se um dia as mulheres se enfurecessem,  
escrachariam todos os companheiros de luta, dos partidos e movimentos sociais,  
colocariam a nu seu machismo disfarçado no discurso revolucionário.  
Em fúria ocupariam os jornais, as redes de televisão contra a misoginia e o racismo.  
Um dia, irmanadas numa grande fúria, todas elas, de todos os lugares, de todas as  
etnias, esmagariam todas as correntes de sua opressão.  
Esmagariam o Estado, a Igreja e o Patriarcado.

*Adriana Novais*

## RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso objetivou registrar as memórias políticas, a trajetória universitária e a constituição de um ser-fazer docente em Educação do/no Campo. O resultado foi a elaboração de um Memorial Descritivo e de uma produção audiovisual (vídeo), construído a partir de cenas narrativas elaboradas em primeira pessoa. O vídeo conjugou a intertextualidade entre diferentes fluxos: dados oriundos das vivências durante o Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, textos acadêmicos, literários, acervo pessoal de fotografias, busca de imagens, percepções anotadas em diário de campo e cadernos, durante os períodos de alternância nos tempos universidade e nos tempos comunidade, compondo um texto imagético e narrativo. A Cena 1 situou o lugar de fala da estudante-professora, trazendo fragmentos de sua trajetória de vida, de trabalho, a entrada na Universidade, com destaque ao debate de uma sociedade marcada por lugares de privilégio e exclusões. A Cena 2 revisitou o encontro com a Educação do/no Campo, as questões da constituição da área, as propostas curriculares e os desafios vividos durante o curso. A Cena 3 registrou o momento histórico de ocupação no Ocupa FACED em 2016, trazendo as principais pautas e agendas e as aprendizagens oriundas da luta, concernentes à formação política na Universidade. A Cena 4 discutiu a constituição da docência em Educação do/no Campo, trazendo reflexões sobre os limites, possibilidades e desafios de uma docência crítica e comprometida com a mudança social. A produção audiovisual serve como um dispositivo de registro de memórias políticas e narrativas que trazem à tona um conjunto de percepções, análises e reflexões sobre a constituição de um ser/fazer docente em Educação do/no Campo na FACED/UFRGS.

**Palavras-chave:** Memória Política. Educação do/no Campo. Ser/Fazer docente.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>MEMORIAL DESCRITIVO .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1</b>	<b>Sobre Memórias e Narrativas .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>ROTEIRO, CENAS E CONCEPÇÃO DO VÍDEO.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Cena 1 - A chegada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Cena 2 - O encontro com a Educação do/no Campo.....</b>	<b>15</b>
<b>2.3</b>	<b>Cena 3 - Cena 3 - A ocupa FACED! .....</b>	<b>19</b>
<b>2.4</b>	<b>Cena 4 - Tecendo o ser e o fazer docente.....</b>	<b>22</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>



# 1 MEMORIAL DESCRITIVO

## 1.1 Sobre Memórias Políticas e Narrativas

A memória é, sobretudo, política, se se entende por política um jogo de forças que transformam a realidade: com efeito, a memória é mais um quadro do que um conteúdo; é um significado sempre aberto, um conjunto de estratégias, uma presença que vale menos por aquilo que é do que por aquilo que dela se faz (PIERRE NORA, 1993).

A memória política é um dispositivo de disputas e de resistências, uma forma de registrar narrativas em primeira pessoa, histórias, trajetórias, lutas e percepções das pessoas comuns, memórias que devem ser contadas por quem as vive na pele. Assim, a memória política se dá na relação interdependente entre tensão e litígio, situando a disputa entre narrativas desvinculadas das narrativas oficiais, a fim de reconstruir políticas de memória, a partir de contrapontos desde a posição dos “vencidos”, das pessoas comuns, dos grupos sociais que precisam falar. A memória política não é uma mera recuperação de memórias passadas, mas a composição de narrativas irruptivas no tempo-agora (HERNANDEZ et. al., 2020). Analisar e teorizar em tempo presente se faz condição urgente para não deixar passar em branco as atrocidades que acontecem diante de nossos olhos.

Os diferentes grupos sociais têm diferentes graus de memória em relação aos fenômenos e acontecimentos políticos, sendo que esse campo de práticas em memória política está associado aos processos políticos vividos a partir da segunda metade do século XX. Para Pollak (1989), são as “memórias subterrâneas” e silenciadas que, quando narradas, fazem com que a História seja tencionada e que outras experiências coletivas sejam visibilizadas e afirmadas, para além das narrativas oficiais e coloniais, contadas pelos homens brancos, ricos e fortes. Produzir memórias políticas serve como um antídoto às produções de esquecimentos.

A narrativa das experiências vividas é um elemento central para que uma memória política possa existir. Registrar memórias é uma experiência psicopolítica que envolve dimensões afetivas, cognitivas, sociais, ancorada em trajetórias,

temporalidades - e seus efeitos, pois as memórias estão sempre ancoradas em contextos e relações. Registrar memórias é uma forma de tomar posse da História.

Nesse sentido, é muito importante sublinhar a questão da epistemologia situada, tão bem desenvolvida pela Psicologia Social Crítica quando concebe que os conhecimentos científicos - produzidos pela universidade e comunidades de pesquisa - devem servir para dar vazão a novos conjuntos de saberes e orientar práticas com vistas à mudança social. Os conhecimentos situados, oriundos de saberes em contexto (saberes dos grupos sociais em relação e tensão com os conhecimentos científicos), ampliam a força explicativa e compreensiva dos conceitos, das teorias e das práticas sociais. São esses movimentos que formam a produção social da ciência.

São essas as concepções e posições que assentaram as bases para que essa produção “Memórias Políticas em Educação do Campo: Narrativas sobre o ser e o fazer docente” pudesse acontecer. O principal objetivo do TCC foi produzir um texto narrativo, um conhecimento situado que registrasse minhas memórias em Educação do Campo, registrando a trajetória universitária e os movimentos de constituição de um ser e de um fazer docente que se deu aos poucos, permeado de encontros, desencontros, dúvidas, lutas e desafios.

O Trabalho de Conclusão de Curso é apresentado na forma desse Memorial Descritivo e de uma produção audiovisual (vídeo), sendo o primeiro TCC nesse formato elaborado no Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, na Faculdade de Educação da UFRGS, desde sua 1ª turma.

A escolha pela linguagem de vídeo buscou a composição de uma intertextualidade conjugando dados oriundos de minhas vivências durante o curso, textos acadêmicos, literários, acervo pessoal de fotografias, busca de imagens, percepções anotadas em diário de campo e cadernos, durante os períodos de alternância nos tempos universidade e nos tempos comunidade, compondo um texto imagético formado por diferentes fluxos.

A elaboração do vídeo foi desafiadora. Foi preciso decidir um argumento que fosse o fio condutor, escrever os textos que iam e vinham em trocas incessantes de e-mails com a orientadora, visitar memórias e acervos pessoais, garimpar imagens, reescrever, sintetizar, cortar, adequar o texto para que se tornasse imagem falada. Nessa dinâmica-mosaico, o vídeo foi elaborado em torno a quatro cenas

narrativas elaboradas em primeira pessoa.

Na Cena 1 situo meu lugar de fala trazendo fragmentos de minha trajetória de vida, de trabalho, de entrada na Universidade, com destaque ao debate de uma sociedade marcada por lugares de privilégio e exclusões.

Na Cena 2 revisito o encontro com a Educação do e no Campo, as questões da constituição da área, as propostas curriculares e os desafios que iam sendo colocados ao longo do Curso.

Na Cena 3 registro o momento histórico de ocupação da FACED, a Ocupa FACED ocorrida em 2016, trazendo as principais pautas e agendas e as aprendizagens oriundas da luta, concernentes à formação política na Universidade.

Na Cena 4 discuto a constituição da docência em Educação do e no Campo, com ênfase em Ciências da Natureza, trazendo reflexões sobre os limites e possibilidades do ser e do fazer docente.

Espero que essa produção audiovisual sirva como um dispositivo de registro de memórias políticas e narrativas sobre o ser e o fazer docente em Educação do/no Campo.

## **2. ROTEIRO, CENAS E CONCEPÇÃO DO VÍDEO**

### **2.1 Cena 1 – A chegada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Sou Fernanda Ribas, sou mulher negra, lésbica da periferia [Morro da Cruz] oriunda de uma educação pública fragilizada, me construí uma agente social atuante em minha comunidade criando espaços que antes eram de destrutibilidade em espaços de transformação através da literatura, pois sempre acreditei na educação como uma ação transformadora. No caminho tortuoso da estrada que sempre trilhei os livros me acompanharam diante das minhas decisões, me fazendo pensar naquilo que era real, mas também com inúmeras possibilidades de sonhar.

Minha trajetória é como a de muitas mulheres que buscam por oportunidades de crescimento individual, pois sempre entendi o que quão excludente era o espaço acadêmico. Eu não tinha nenhuma expectativa de sair do alto do morro e fazer parte do mundo elitista, classista, machista e racista, sempre entendi que meu espaço era lá no pé do morro entre ações comunitárias e encontro com artistas periféricos, com os mesmos sonhos que promoviam a arte e a literatura fora dos prédios e das grandes salas. Internalizei por muito tempo as palavras da escritora Angela Davis (1989) “Não acho que tenhamos alternativa senão permanecer otimistas. O otimismo é uma necessidade absoluta”.

No ano de 2016 eu ainda atuava como educadora social nas comunidades de Porto Alegre, já com alguns sonhos maiores do que a sobrevivência. Entre diálogos, trocas e vivências, em uma tarde comum surge a inesperada possibilidade de entrar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quando tive acesso ao edital de um extra vestibular do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Fui incentivada por uma amiga a fazer com ela a prova e me desafiei, sabia que seria uma porta de entrada com grandes desafios, mas também sabia que naquele momento eu estava pronta para cruzar a porta...

## 2.2 Cena 2 – O encontro com a Educação do/no Campo

Educação do Campo: direito nosso, dever do estado, compromisso da comunidade!

O campo é mais que uma concentração espacial geográfica.

O campo é feito de diferentes povos, paisagens e lugares.

O campo é um território em disputa, conflito.

O campo é resultado de uma luta, uma nomenclatura proclamada pelos movimentos sociais que deve ser adotada pelos governos em suas políticas públicas educacionais, mesmo quando ainda é pronunciada na academia, de forma relutante, como estudos rurais (ARROYO E FERNANDES, 1999).

A graduação vai tomando cores, linhas e até mesmo palavras fundamentadas por autoras e autores até então desconhecidos: Paulo Freire; Roseli Salete Caldart; Miguel Arroyo; Bernardo Mançano; Fernandes Maria Fonseca Cida Aparecida; Mônica Molina; Maria Cristina dos Santos Bezerra; Maria Antônia Souza; Ramofly dos Santos Bicalho para citar alguns. Conhecer a pedagogia da alternância, uma metodologia em tempos e espaços alternados, um currículo flexível para atender aos objetivos do Tempo Universidade (TU) e do Tempo Comunidade (TC), foi uma grande oportunidade vivenciar a alternância onde o campo e a cidade tem tempos e lógicas diferentes, ambos com seus valores. A alternância me tornou pertencente a este processo formativo, uma rotina de longos períodos de aulas onde tínhamos que estar atentos a tudo que estava sendo proposto, aulas, seminários, pesquisas, visitas, tudo era construído a partir das atividades idealizadas no Tempo Universidade, pois sabíamos que na próxima semana já estaríamos em Tempo Comunidade. Era necessária a vida de estudos imersos nos assentamentos, alternar períodos na universidade e na comunidade, ir tecendo redes de conhecimentos no diálogo entre o saber cotidiano, a prática, o trabalho e a universidade. Aos poucos eu ia sendo abraçada pelo sonho de poder garantir as futuras gerações um pouco daquilo que estava por vir, pelas minhas mãos.

Passei a ver a minha permanência na universidade como uma possibilidade real, longe do mundo da imaginação. Foi possível sentir e estar diante da representatividade que junto ao meu povo eu sempre busquei, tendo legitimidade e

garantindo meu lugar de fala, um lugar que não se cala! “As mulheres negras foram assim postas em discursos que deturpam nossa própria realidade: em debate sobre o racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é uma mulher branca; e um discurso sobre classe onde “raça” não tem lugar.” (RIBEIRO, 2019. p 37).

Inspirada na frase de Audre Lorde (1984) “Quando me atrevo a ser poderosa, a usar minha força a serviço da minha visão, o medo que sinto se torna cada vez menos importante” pude me sentir parte de lugares e momentos que iam contribuindo minha constituição como docente. É fácil perceber o quanto é necessário estar na luta, pois a docência nestes espaços do campo é desvalorizada e permanece oculta aos nossos saberes, mas acredito na existência de elementos que se baseiam fortemente em um compromisso com a educação.

Amparada nas lutas cotidianas de movimentos sociais, tais como o maior movimento da América Latina o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), lutando por grandes e pequenas vitórias onde os medos, os desafios e os anseios precisam ser reconhecidos, mesmo em espaços ainda negligenciados pelo estado a educação brasileira se faz presente sendo a maior ação transformadora já vista.

Esse foi o momento no qual eu definitivamente encontrei a grande possibilidade de construir e lutar por uma educação pública e de qualidade no e do campo, a luta pela terra que encontrei nos assentamentos e acampamentos me fizeram pensar em como a educação do campo é necessária para as populações que vivem no campo e do campo. As experiências no campo me fizeram entender que os sujeitos do campo têm direito de construir uma educação em que possam pensar o currículo e os conteúdos do campo: com horário diferenciado, calendário próprio, com base no método freiriano, popular e libertador. Pensar na educação do campo é pensar na educação emancipadora, fazendo com que aconteça um rompimento daquilo que está posto na sociedade. Nas palavras de Caldart,

Não se trata de „inventar“ um ideário para a Educação do Campo; isso não repercutiria na realidade concreta. O grande desafio é abstrair das experiências e dos debates, um conjunto de ideias que possam orientar o pensar sobre a prática de educação da classe



trabalhadora do campo; e, sobretudo, que possam orientar e projetar outras práticas e políticas de educação (CALDART, 2004, p. 16).

Como educadora pude aprender no movimento das mulheres camponesas que é necessário ter ousadia de pensar e perceber as necessidades e a coragem para construir e garantir projetos de vida, democratizando os espaços e trazendo todos para a participação coletiva.

É na cozinha das propriedades rurais que estão os espaços de decisão da família. Não lutamos para sair da cozinha, lutamos para que se mude a resignificação das relações de trabalho entre homem e mulher. (Lourdes - Marcha das Margaridas).

Não dá, enquanto movimento organizado, para a gente discutir pautas feministas e a mulher do campo não se sentir parte desse debate. Precisamos mostrar para ela o quanto aquela pauta tem relação com o modo de vida dela e a forma com que ela é tratada. (Silvia - FETRAF-BR)

Entendemos que a luta pela emancipação das mulheres deve estar ao lado da luta pelo fim da propriedade privada, pelo direito a terra e aos territórios, pela Reforma Agrária Popular, contra as transnacionais, contra o agronegócio, contra os transgênicos, contra os agrotóxicos e contra todas as formas de exploração do ser humano e da natureza. Então é uma luta antissistema. (Itelvina - Campesina de SC).

A educação do e no Campo é luta permanente, feita por pessoas e povos do campo, embasada por seus saberes e práticas cotidianas, suas experiências e necessidades reais. No contexto de um desgoverno que despreza a educação pública, a pesquisa, valoriza o agronegócio e fecha as escolas do campo é urgente formular ações e políticas públicas voltadas ao campo, reconhecendo as diferentes realidades camponesas do nosso Brasil. A educação do campo se reafirma com políticas públicas específicas reclamadas pelo movimento da educação do campo,

pelo protagonismo dos movimentos sociais e organizações camponesas. São os movimentos os grandes educadores e promotores de consciência política na luta pelo que é nosso direito.

## 2.3 Cena 3 - A ocupa FACED!

### **Porto Alegre, 2016**

Quando você viu na TV  
aquelas pessoas em fila na chuva  
à noite numa estrada  
na fronteira de um país que não as deseja

E quando você viu as bombas  
caírem sobre cidades distantes  
com aquelas casas e ruas  
tão sujas e tão diferentes

E quando você viu a polícia  
na praça do país estrangeiro  
partir pra cima de manifestantes  
com bombas de gás lacrimogêneo

Não pensou duas vezes  
nem trocou o canal  
e foi pegar comida  
na geladeira

Não reparou o que vinha  
que era só uma questão de tempo  
não interpretou como sinal a notícia  
não precisou estocar mantimentos

Agora a colher cai da boca  
e o barulho de bomba é ali fora  
e a polícia pra cima dos teus afetos  
munida de espadas, sobre cavalos.

(ANGÉLICA FREITAS, 2017)

É dia 31 de outubro de 2016.

Após a votação em uma assembleia aberta se decidiu por ocupar o prédio azul da FACED. Estava deflagrada a luta contra a PEC 241/55<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Proposta de Emenda Constitucional que tramitou na Câmara dos Deputados como PEC 241 e no Senado Federal como PEC 55. Em 29 de novembro de 2016, foi aprovada em primeiro turno no Senado Federal por 61 votos a 14. Em 13 de dezembro de 2016, foi aprovada em segundo turno no Senado por 53 votos a 16, congelando por vinte anos os investimentos na educação, saúde e segurança. MP nº 746/2016 do Ensino Médio que reformula o currículo da educação tornando facultativo, disciplinas como: Sociologia, Filosofia, Artes e Educação Física.

Comecei a fazer parte da ocupação da faculdade.

A ocupação começou a fazer parte de mim.

Mudar significa crescer, e crescer pode ser doloroso. Mas aperfeiçoamos nossa identidade expondo o eu no trabalho e na luta, ao lado daqueles que definimos como diferentes de nós, embora compartilhando dos mesmos objetivos. Tanto para mulheres negras, quanto para mulheres brancas, velhas e jovens, lésbicas e heterossexuais, isso pode significar novos caminhos para nossa sobrevivência (HOLLANDA, 2019).

A minha estada como estudante na Universidade sempre foi um misto de alegrias e desafios. Antes desta trajetória iniciar eu já era militante dos movimentos de mulheres que lutam por seus direitos, por condições de igualdade, mulheres que acreditam em uma sociedade mais justa, mas jamais imaginei estar em um lugar com tantos enfrentamentos e tão excludente como a representação discente.

Estar no curso de Licenciatura em Educação do Campo, curso idealizado pelos movimentos sociais era um prazer, pois sabia das dificuldades dos movimentos sociais em estarem e permanecerem em espaços como a academia. Busquei me amparar na aceitação e na importância de tudo que eu estava vivendo, observando e sentindo. Essa foi uma experiência que exigiu uma profunda imersão em espaços jamais vivenciados por mim, diferentes realidades.

Nenhum direito a menos!

Entre as várias formas de viver a universidade escolhi fazê-la coletivamente. Reinventamos o movimento estudantil e o próprio sentido de ser estudante. Escolhi estar naquele lugar não só por mim, mas como alguém que estava ali lutando por um coletivo pouco visível naquele espaço. Estar como representante da Educação do Campo fazia o desejo de seguir na luta crescer. O que eu sentia era algo mais forte do que todos os sentimentos que vividos por mim, pois já sabia que a luta da Educação do Campo precisava de pessoas fortes e comprometidas para seguir trilhando um caminho dentro da universidade.

Eu era uma destas pessoas! Eu estava disposta a combater o machismo, o racismo, a lesbofobia, o patriarcado, através da minha participação em diferentes espaços de representação discente. Comecei pelo melhor lugar: a ocupa FACED.

Durante a ocupação pude ser e estar como representação discente em diferentes lugares, somando junto à luta nacional. Estive em Brasília com minhas

companheiras e companheiros militantes do movimento estudantil, mostrando nossa unidade no combate aos ataques que estavam por vir.

Hoje se passaram quatro anos da ocupação. O prédio, ocupado por 53 dias já não é mais o mesmo. Quem o ocupou também já não é mais o mesmo.

Construir este espaço com outros cursos, como a Pedagogia, foi uma experiência única que nos fortaleceu para seguir tempos tão difíceis. Fomos unidos e seguimos sendo resistência, lutando contra tudo que possa nos anular.

O poder requer corpos tristes. O poder necessita de tristeza porque consegue dominá-la. A alegria, portanto, é resistência, porque ela não se rende. Alegria como potência de vida, nos leva a lugares onde a tristeza nunca nos levaria. (DELEUZE, 2017, p.23).

Eu sigo sendo a mesma mulher preta da periferia que chegou com muita vontade de se transformar neste espaço, mas saio desta luta mais forte por saber que aqui encontrei meus pares para juntos seguirmos e transformar.

## 2.4 Cena 4 – Tecendo o ser e o fazer docente

Ninguém começa a ser professor uma certa terça-feira às 4 horas da tarde...Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática. (FREIRE, 1991. p.58)

Meu maior desafio foi ser uma docente estando como discente nas aulas de Ciências da Natureza. Ao chegar à Escola Estadual de Ensino Médio Nova Sociedade tive de pensar em um planejamento de aula diferente de tudo que a escola estava fazendo. Foi desafiador pensar num planejamento que encantasse as professoras e professores que dividiriam a sala de aula comigo. Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria.

Ao longo das minhas observações foi possível perceber a quão fragilizada era a minha educação em Ciências da Natureza. Foi necessário me debruçar em livros e outras ferramentas para entrar em sala de aula com potência. Um planejamento muito desafiador, onde eu não tinha experiência com a docência, a criação de grupos por região, serviram como base de compartilhamento das práticas, sempre houve uma preocupação em planejar atividades em que os alunos e alunas fossem protagonistas do processo, criando espaços de troca e aprendizado. A utilização de diferentes recursos para a efetivação do que era planejado foi fundamental. Tive a oportunidade de atuar na Escola Nova Sociedade e lá conhecer a dinâmica de uma escola com valores de uma educação popular, mesmo com tantas dificuldades estruturais como toda escola pública tem, foi possível acessar diferentes recursos, como livros, *sites*, programas, filmes, músicas etc. Os alunos e alunas aprenderam por meio de diferentes linguagens o conteúdo sugerido por mim, dentro da interdisciplinaridade do currículo que eu estava apresentando.

Ensinar conteúdos fragmentados é uma escolha política. Levar a interdisciplinaridade para uma escola de ensino fragmentado também é uma escolha política. Conforme Paviani (2014) “não se escapa da prisão das disciplinas

científicas saltando seus muros, mas derrubando seus falsos limites territoriais, sejam eles de natureza epistemológica, metodológica e linguística ou simples convenções da prática acadêmica e burocrática”.

Fui entendendo que em Educação do Campo o método pedagógico deve significar aprendizagens locais, que emergem do local e para ele retornem. Para Maria Antônia Souza (2012), a educação para os povos do campo é trabalhada a partir de discursos, identidades e currículos cheios de marcas urbanas. Currículos deslocados das necessidades locais e regionais.

Entendi que para planejar minhas aulas de Ciências da Natureza era necessário que a seleção de conteúdos programáticos estivesse atada com as relações e formas de vida daquele contexto, fazendo emergir as redes de saberes que já existiam ali. Em uma atividade na Escola Básica Santa Rita, na turma do Ensino Médio, fizemos uma roda de conversa sobre as principais doenças que nós brasileiros desenvolvemos ao longo da vida e quais suas principais causas. Foi uma noite bastante curiosa onde as alunas e alunos tiveram a oportunidade de descrever seus hábitos alimentares e descobrir o que é alimento, o que é comida. Foi possível perceber que mesmo aquele jovem que vive no campo e tem acesso à alimentação saudável acaba consumindo produtos que não contribuem para uma boa alimentação.

O fazer docente depende de um ser docente, de um tornar-se docente, que se perfaz no cotidiano das práticas nos espaços educativos escolares ou não escolares, nos lugares em que os conhecimentos são produzidos, tecidos a cada amanhecer. Nas diferentes realidades do campo, não há um lugar por excelência à produção de conhecimentos. Por isso, cabe problematizar as questões teóricas e metodológicas da Educação do Campo, na perspectiva crítica, dialógica e histórica do saberes, reconfigurando a visão hegemônica do campo agrário, pois o campo está repleto de possibilidades políticas, resistência, místicas, memórias, histórias e produção de condições de existência social (MOLINA & FREITAS, 2012).

Minhas escolhas e meu planejamento fizeram rupturas com a educação bancária, que vê os estudantes como depositários, receptáculos passivos de conhecimento. Foi preciso construir uma gestão partilhada do conhecimento, assentada nos processos de troca, de escuta, na dialogicidade. Como sublinhou

Paulo Freire (2011, p.24) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Link Ativo :

<https://drive.google.com/file/d/1qCmitX3O0986U46OYKgf0SgPX0jXa5Sq/view?usp=sharing>

Esse video é baseado e referenciado nesse Memorial Descritivo.



## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G.; Bernardo Mançano Fernandes. *A educação básica e o movimento social do campo*. Col. Por uma Educação Básica do Campo, n. 2. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.

CALDART, Roseli Salete; ARROYO, Miguel Gonzáles; MOLINA, Mônica Castagna. (Orgs.). *Por uma Educação do Campo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Org. de Frank Barat. Trad. de Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 1989.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Ed. 34, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Olhos da água*. Editora Fundação Biblioteca Nacional. 1ª edição. Belo Horizonte 2015.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez. 1991.

FREITAS, Angélica. Porto Alegre – 2016. Em *50 poemas de revolta*. Companhia das Letras, 2017.

HERNANDEZ, Aline Reis Calvo; DANTAS, Bruna Suruagy; ANSARA, Soraia; HUR, Domenico Unhg (orgs). *Psicologia política e memória*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org). *Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais*, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Belo Horizonte. Autentica Editora, 2019.

MOLINA, Mônica C.; FREITAS, Helena C. de A. [Orgs.] *Em Aberto – Educação do Campo*. INEP/MEC 2012

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). *Um feminismo que brota da terra*. 2017. Disponível em <https://mst.org.br/2017/08/12/um-feminismo-que-brota-da-terra/> Acesso em 10/11/2020.

NORA, Pierre. Entre memória e História: A problemática dos lugares. *Proj. História*. Trad. Yara Aun Khoury. São Paulo (10), dez. 1993.

PAVIANI, Jayme. *Interdisciplinaridade: Conceitos e Distinções*. 3ª ed. Ed. EDUCS, 2014.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo, Pólen, 2019.

SOUZA, Maria Antônia. *Educação do Campo: propostas e práticas pedagógicas do MST*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

### **Materiais audiovisuais**

Fotografias de acervo próprio.

Imagens públicas disponíveis na internet.